

Marcham solenemente em fileiras e fileiras impávidos e orgulhosos soldados alemães. Em seguida, barulhentos e velozes tanques, levantando fumaça e poeira, anunciam a avassaladora invasão da Polônia pelos alemães, em primeiro de setembro de 1939, dando início à segunda guerra mundial.

Assim começa o programa da TV gaucha em reportagem sobre a participação dos pracinhas brasileiros nessa guerra. O programa continua, mostrando como se discutiu o envolvimento do Brasil nessa guerra, com pressões dos dois lados, até que em 22 de agosto de 1942, com o ataque nazista a navios mercantes em águas nacionais, o governo brasileiro, forçado por insistente campanha dos meios de comunicação, declara Guerra à Alemanha.

*Discute-se o efetivo envio de tropas à Europa, dando origem ao dito “É mais fácil uma cobra fumar que a F.E.B - Força Expedicionária Brasileira embarcar” que originou o emblema de nossos soldados, até que, do Rio de Janeiro, partem mais de 25 mil soldados, cujo primeiro Escalão desembarca em Nápoles, no sul da Itália, no dia 16 de julho de 1944 e se juntam ao V.o exército norte-americano.*

*Entre eles, estava um jovem pracinha. Um soldado chamado Paz, João Pedro Paz, nascido em Cachoeira do Sul (RS).*

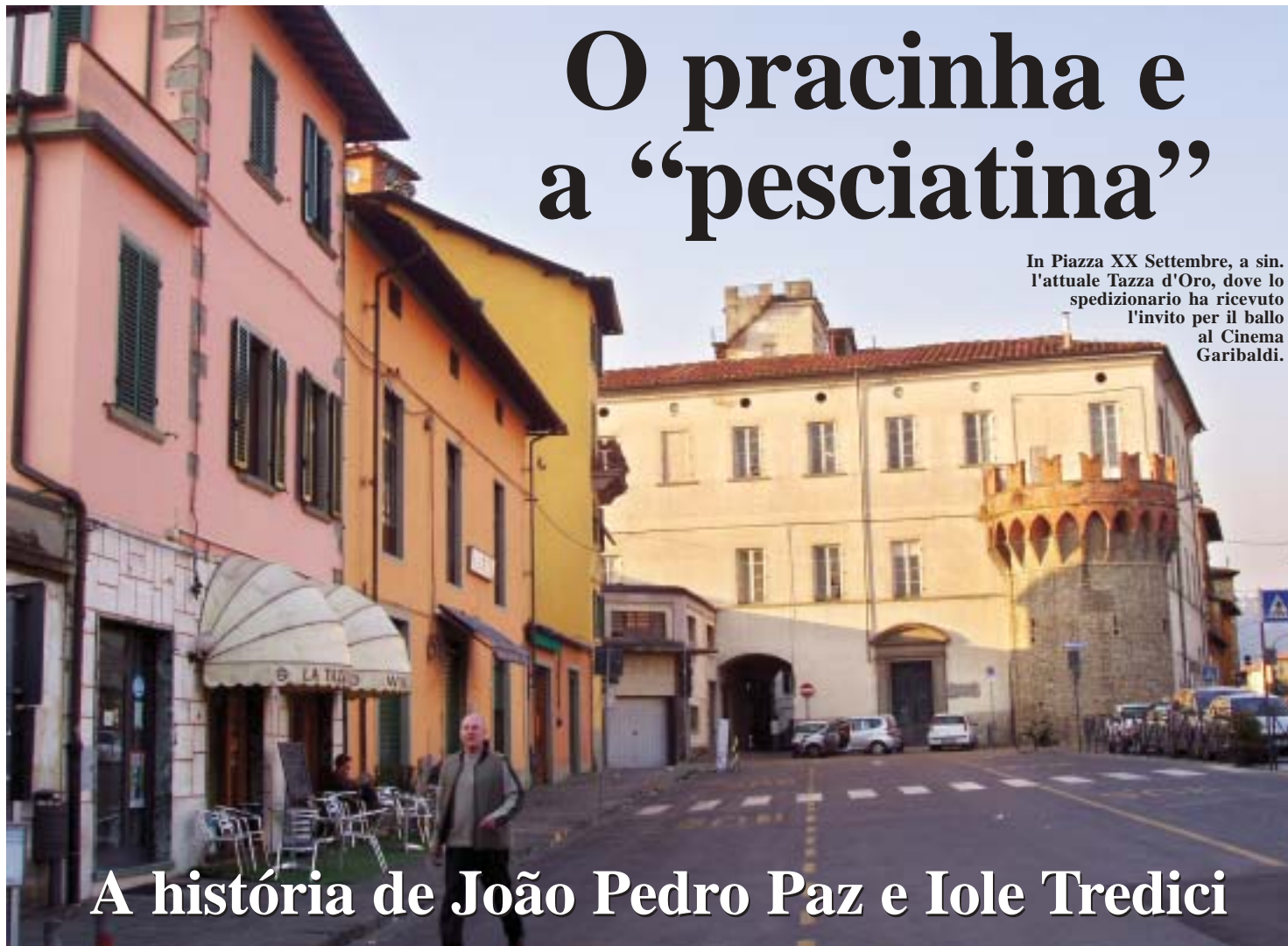
Agora, junto ao Monumento ao Expedicionário, em Porto Alegre, o antigo combatente Paz lembra das violentas batalhas em que atuou como atirador de elite contra os alemães: “A segurança dos companheiros estava nas nossas mãos. As balas passavam a centímetros das nossas cabeças. Se levantássemos a cabeça, (os inimigos) disparavam com a metralhadora (contra nós). Rastejava ao mesmo tempo de pé e de costas pra dar cobertura. A ordem era: tudo o que se mover na retaguarda, abrir fogo. E, se errasse, ia preso”. Essa era a sua função, como 2.o Atirador Volteador, do 3.o Pelotão da 1.a CIA devia andar de costas, protegendo a primeira linha.

Mas, da guerra, algo restaria além das memórias da violência. Algumas poucas fotos... e a lembrança de um irrecusável convite, feito por um conhecido na cidade de Pescia, Toscana, na região central da Itália. Era uma tarde de folga, em março de 1945, “num bar (que existe até hoje), o ‘La Tazza d’Oro’” na Praça XX de Setembro, bem ao lado de “La Pescia”, como os pesciatini chamam o seu rio.

“Hoje se balla no Cine Garibaldi. Allora vocês tão invitado para ballare aqui, no cine Garibaldi.” Chegamos, tava cheio de gente, muita alegria, bailando, todo mundo bailando, aí chegaram, meus companheiros chegaram, e eu logo botei o olho naquela linda morena, aquela guria linda, linda italianinha, (eram) três irmãs (juntas).”

A foto da época revela a jovem delicada, de dezessete anos, que imediatamente conquistou o coração do pracinha, que reconhece: “Eu não sei como é que foi, foi um olhar assim encantador, uma coisa... e eu fiquei ali, sem saber o que ia fazer. Terminou a música, eu chamo de fatalidade do destino: ela parou bem na minha frente.

A Iole entra na conversa, e acrescenta os sentimentos dela: “E eu olhei prá



# O pracinha e a “pesciatina”

In Piazza XX Settembre, a sin. l'attuale Tazza d'Oro, dove lo spedizionario ha ricevuto l'invito per il ballo al Cinema Garibaldi.

## A história de João Pedro Paz e Iole Tredici

ele, depois pensei prá mim, ah, como é bonitinho esse brasileiro, eu pensei comigo...”

“Aqueles olhos dela. Aquele, aquele jeitinho dela, meigo que era, ingênuo, meiguinha, não sei, no abraçar, é uma coisa diferente, não sei, uma coisa que não tem explicação” conta João lembrando dos acordes de “Moonlight Serenade” de Glenn Miller, a sua primeira dança juntos...

“Ele me amava, eu amava ele, eu não entendia nada, ele (também) não entendia, só com o olhar a gente se entendia...”

Os dois passaram a se encontrar sempre que o soldado tinha folga. Mas a guerra já se encaminha-

va para um desfecho: 8 de maio de 1945 foi o dia da vitória na Europa. As forças brasileiras foram desmobilizadas. Ordens para partir eram aguardadas para qualquer instante, precipitando os acontecimentos...

“Vero amor. O verdadeiro amor acontece. Veio o amor forte. Daí aconteceu o que não deveria acontecer; mas não pensei, perdi a minha cabecinha e pronto” lembra a Iole.

“Nunca mais ia ver ela. Eu pensava, na cabeça, essa era a minha mágoa, o meu desespero, que nunca mais ia ver ela. Foi muito triste a despedida, foi terrível. Foi uma coisa comovente porque eu tinha deixado aquela promessa, e ela tinha certeza absoluta que eu ia casar com ela, ela tinha certeza absoluta, era muito ingênuo, e eu tinha certeza que era impossível.”

Em setembro de 1945, João voltou para o Brasil. Achava que seria recebido como herói. Mas ninguém sequer dava emprego a um homem que vinha da guerra. “Eu passei miséria. Eu dormi em banco de praça...”

O desespero de João aumentou com a chegada de uma carta vinda do outro lado do Oceano, de Pescia. Iole mandava notícias: estava grávida. “Io espero que tu me mande buscar, ou casar comigo, prá gente vir viver junto. Eu, tu e o nosso filhinho. Baci, Iole.” Só isso tinha a carta. “O que eu ia mandar dizer mais?”

A história foi parar nos jornais da época. A saudade imensa e o romance nos campos de batalha despertaram a solidariedade dos gaúchos. “Abriram até uma conta em banco - continua contando João - Quando eu vi aquilo ali, aí eu nasci de



Da sin., i “gauchos” Daniela Poli e João Pedro Paz, con i pesciatini Iole Tredici e Alessandro Andreini.

novo, eu nasci de novo, aí a primeira coisa que eu fiz, me aconselharam: “vai no consulado, leva essa reportagem, leva a papelama, e vamos trazer a sua esposa para o Brasil”.

Mas, antes, uma formalidade: o casamento, feito nos dois países por procuração. “Sem o noivo. Fui prá casa, tinha o pequenininho (Pedro Ulderigo Paz) me esperando pra mamar” ri hoje a Iole...

Hoje a casa de Iole é no Brasil, ao lado de João, no apartamento que dividem com o acervo de documentos da guerra, junto com a filha “brasileira” Anna Maria e as netas Tatiana e Alessandra. Nas paredes, estão fotos de soldados gaúchos mortos em combate, de quem João faz questão de não esquecer. “Pras gerações do passado, do presente e do futuro tomar conhecimento da verdadeira história da FEB, e não só, da crueldade sangrenta da guerra, para que nunca mais aconteçam fatos como esses que estão vendo aqui.”

Mas há também fotos alegres. Como as da chegada de Iole em Porto Alegre, com o bebê de três meses nos braços. “Foi emocionante, ele (João)



La Folha da Tarde, di Porto Alegre, notizia la vicenda.